

Francisco José Gomes Damasceno*

**“Eu presto atenção no que eles dizem, mas eles não dizem nada”:
juventude sob dois aspectos (o de sua constituição e de suas representações e o da sociedade pelos jornais)**

RESUMO: O presente trabalho coloca o surgimento de movimentos como o Punk e o Hip Hop, na cidade de Fortaleza enquanto criação de um espaço de atuação social e política, por parte de setores excluídos da população e registra sua cosmovisão, suas análises da cidade e do mundo que os cerca, revelando suas intervenções no social. Suas letras são colocadas em contraponto à apresentação feita na mídia de uma juventude desfigurada, sem face, sujeita às necessidades de mercado ou a interesses outros.

Palavras-chave:

Juventude; Fortaleza; História; Movimento Punk; Movimento Hip Hop; Cidade; Representações.

No início dos anos oitenta a cidade de Fortaleza se encontrava tomada por uma verdadeira onda de festas e agitos, de uma inquieta juventude que se desdobrava em festas por noites a fio, manhãs e tardes de ensaios, onde a vida se descortinava na construção de amizades, na descoberta de gostos comuns, na procura de momentos de lazer, de diversão e arte, de alternativas de vida...

A então pacata cidade de Fortaleza¹ via surgir de forma “divertida” e despreziosa manifestações que em pouco tempo seriam muito mais que um simples agrupamento à procura de emoção. O que se inicia como festa em mais ou menos vinte anos, se tornaria uma perspectiva estruturada de mundo e de sociedade.

Da mesma forma e quase simultaneamente (em meados da mesma década) palmilhando os diversos bairros da cidade em pequenos clubes como o Inter, o Creve, ou mesmo em pequenas quadras de associações comerciais

¹ Para se ter uma idéia, o jornal **O Povo** (16.01.1982, p. 07), indicava um dos graves problemas de então, e nas entrelinhas sua dimensão: “Com 1 milhão e trezentas mil pessoas, Fortaleza só tem 7 creches”.

e de moradoras, distantes entre si, muito mais pelo tipo de música de suas preferências e da dança que aprendiam e ensinavam, estavam jovens que se agrupavam de formas diferentes, embora pelos mesmos motivos: jovens punks e jovens hip hoppers.

Vejam como estas manifestações se esboçam inicialmente em nossa cidade e o que este processo significa na vida destes jovens, e onde os levam estas trilhas por eles escolhidas e construídas.

1. PUNK ROCK E HIP HOP

A origem das manifestações que deram origem ao Movimento Punk aconteceram simultaneamente na Inglaterra e nos Estados Unidos, a partir da inquietação de jovens proletários, muitos deles desempregados e que descontentes com suas situações sociais e frustrados com os rumos assumidos pelo rock, que se tornava cada vez mais comercial e distante da rebelião juvenil, a qual historicamente havia se associado, radicalizam suas posturas diante do mundo, e renovam esta musicalidade tornando-a de novo e ainda mais radical, tanto em sua sonoridade, como em suas letras.

O momento é o final dos anos sessenta até meados dos setenta. O mundo vivia a agitação de uma das muitas crises do capitalismo, inflação crescente, uma crise de produção (baixos salários, excesso de mercadorias), uma ofensiva conservadora que se tornava cada vez mais forte e que leva ao poder na Inglaterra a “Dama de Ferro”.

Conquistas trabalhadoras arrancadas ao *Welfare State* são aos poucos retiradas, com o intuito de tornar mais enxuto o Estado, que deveria agora se colocar apenas nas atividades fundamentais, era a implementação da nova doutrina, o *Estado Mínimo* não deveria estar presente na sociedade mais do que o estritamente necessário, e assim os capitais que subsidiavam atividades sociais, passam a fazê-lo nas atividades produtivas.

O espectro do que se conceituaria *neo-liberalismo* estava assumindo uma de suas muitas posições dentro da nova ordem que ele próprio procurava instaurar.

Neste contexto, não só o rock se colocava como um canal possível de manifestações juvenis, mas o próprio hip hop, que já no início dos anos setenta tem seus elementos se esboçando também em solo americano e semelhantemente ao rock, e até sofrendo sua influência, tendo como principal agente uma juventude atenta.

“Eu presto atenção no que eles dizem, mas eles não dizem nada”: juventude sob dois aspectos (o de sua constituição e de suas representações e o da sociedade pelos jornais)

Neste sentido podemos entender o processo criativo destes jovens (no que toca as duas manifestações) como um tipo qualquer de resposta, num processo de interação e ao mesmo tempo de negação das estruturas que se constroem neste momento:

...o que acontece no mundo da arte seja produto da cooperação, mas também da competição. A competição costuma ter condicionamentos econômicos, mas se organiza principalmente dentro do ‘mundo da arte’ segundo o grau de adesão ou transgressão às convenções que regulamentam uma prática.(...) ²

Não se trata de uma resposta pura e simples a um determinado contexto, mas principalmente de um processo criativo que se origina, mas não se restringe a estes dois países em seus momentos iniciais, se espraiando pelo mundo e assumindo nuances em cada diferente local, tomando feições próprias em cada um deles e gerando diferentes formas das próprias manifestações. São as mesmas manifestações e ao mesmo tempo se tornam outras.

Além disto, os papéis que assumem em cada um dos diversos cantos do mundo é outro aspecto importante, motivo pelo qual optou-se por rastrear estas manifestações, caracterizando-as e focando analiticamente este processo, sempre em suas particularidades, o que se procura no caso específico do Ceará.

No Brasil as duas manifestações “chegam” ou se “manifestam” a partir do espaço da festa, do lazer, da formação de bandas:

Foi por volta de 1978 que surgiram as primeiras camadas punks paulistas. Eram elas: NAI (Nós Acorrentados no Inferno), que deu base para a “Restos de Nada”, AI 5 e Condutores de Cadáveres. No entanto tudo começou nos bailes de Rock, festas muito comuns naquela época nas periferias do Brasil. Jovens se agrupavam em gangues para frequentarem os bailes...³

Ou ainda como se pode perceber com uma forte influência dos próprios meios de comunicação de massa, mas ainda sem o caráter de “movimento” que lhe caracterizará um pouco depois:

Os punks, no Brasil em São Paulo, surgem mais ou menos em 1977. Aqui eles não surgem como movimento. Eram garotos de subúrbio que ouviam a música punk, dos ‘Sex

² CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2000. p. 39.

³ ARAÚJO, Francisco Cláudio da Costa. **A Formação do movimento punk em Fortaleza (CE)**: o surgimento de um movimento de “resistência” de classe. Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza: UECE, 2001. p. 37.

*Pistols’ e tinham informação sobre o movimento através de jornais e revistas e da mídia em geral. A partir daí estes garotos começaram a ‘pichar’ as paredes com a palavra punk (...) e isto chamou a atenção da imprensa no Brasil. Quem começou a falar do movimento punk no Brasil foi a imprensa, a mídia. Aqui no Brasil a imprensa, a mídia, teve uma ação fundamental na caracterização do grupo.*⁴

No Ceará as primeiras notícias a respeito dos punks aparecem no ano de oitenta e três, quando os jornais da capital, colocam alardeados a presença destes jovens “sujos” e “desordeiros”, que intentavam “curtir” e “chocar” em bailes na periferia da cidade. Na primeira matéria do Gênero, um delegado acompanha o baile - e provavelmente os repórteres; e dá o desfecho da matéria: “*Esses punks assaltam e roubam muito. Sempre que tem essa festa acontece alguma coisa por aqui.*”⁵

A “descoberta” pela mídia não abarca as manifestações, elas de certo já se esboçavam bem antes, como se coloca pelos membros mais antigos do movimento.

Em Fortaleza, se dá da mesma forma. Roqueiros e Punks se confundem em festas que se espalham pela periferia da cidade:

*O som é ensurdecedor. Da pilha de caixas pretas enormes a música dos ‘Clash’, ‘Sex Pistols’, ‘Ramones’ e ‘AC/DC’, conjunto punks internacionais, explodem em gritos e solos alucinantes de guitarra e bateria. No salão sem nenhuma decoração centenas de jovens entre 16 e 24 anos pulam, berram, saltam e jogam pernas e braços ao compasso da música. A grande maioria imita guitarristas. Outros os crooners dos conjuntos. Mas todos parecem tomados de uma força estranha que os faz suar e dançar até a exaustão.*⁶

Já o Hip Hop mantém suas especificidades, mas sua trajetória guarda semelhanças com o punk rock. As origens desta manifestação são também colocadas de formas distintas. Viana apresenta sua versão:

Enquanto acontecia a febre das discotecas, nas ruas do Bronx, o gueto negro/caribenho localizado na parte norte da cidade de Nova York, fora da ilha de Manhattann, já estava sendo arquitetada a próxima reação da ‘autenticidade’ black. No final dos anos 60, um Disk-jockey chamado Kool-Herc trouxe da Jamaica para o Bronx a

⁴ “F”, punk da banda Os Excomungados de São Paulo, em depoimento a COSTA, Márcia Regina da. Op. Cit. p. 52

⁵ **Diário do Nordeste**, 26 de julho de 1983.

⁶ Punks: eles surgem em Fortaleza e têm como lema curtir e chocar. In.: **Diário do Nordeste**, 26.07.1983.

“Eu presto atenção no que eles dizem, mas eles não dizem nada”: juventude sob dois aspectos (o de sua constituição e de suas representações e o da sociedade pelos jornais)

técnica dos famosos ‘sound systems’ de Kingston, organizando festas nas praças do bairro. Herc não se limitava a tocar os discos, mas usava o aparelho de mixagem para construir novas músicas.(...)

*O rap e o scratch⁷ não são elementos isolados. Quando eles aparecem nas festas de rua do Bronx, também estão surgindo a dança Break, o graffiti nos muros e trens do metrô nova iorquino e uma forma de se vestir conhecida como estilo b-boy, isto é, a adoração e uso exclusivo de marcas como Adidas, Nike, Fila. **Todas estas manifestações culturais passaram a ser chamadas por um único nome: hip hop.(...)**⁸*

Os *Scratches* dos DJ’s nova-iorquinos eram feitos em cima de ritmos Funk. O Hip Hop mescla todos os estilos da *black music* americana, mas o fundamental é o funk mais pesado reduzido ao mínimo: bateria, scratch e voz. As festas que se repetiam todos os finais de semana plasmavam o estilo que se desenvolvia, e que aos poucos se tornava conhecido fora de Nova York:

As festas em praça pública ou em edifícios abandonados reuniam em torno de 500 pessoas. Em setembro de 76, num local chamado The Audubom, Grandmaster Flash organizou um baile para 3 mil pessoas. Esta foi a festa que reuniu o maior número de dançarinos antes que o hip hop se tornasse conhecido fora de Nova York.⁹

Note-se que as diversas manifestações que formariam o Hip Hop apareceram simultaneamente nas ruas e nos bailes destes subúrbios, e desde cedo, da mesma forma como aconteceu com o movimento punk, introduz-se dentro de uma certa tradição cultural de musicalidade.

Ao passo que o punk é herdeiro do rock e potencializa a revolta da parcela branca juvenil; o rap/funk além de estar associado a ele, sofre uma forte influência da cultura negra, o que lhe confere um caráter étnico mais acentuado, fato que se tornou uma espécie de marca registrada deste estilo. Desta forma caracterizam-se amplos setores da população juvenil mundial, compostos por brancos e negros pobres e excluídos.

No Brasil muitos atribuem o surgimento/chegada desta manifestação primeiramente no Rio de Janeiro e São Paulo, mas parece mais acertado imaginar estas manifestações chegando simultaneamente em várias capitais

⁷ Técnica inventada, segundo este autor e confirmada em vídeo de Susan Shaw, por Grandmaster Flash, que consistia em tocar os discos ao contrário, provocando os “arranhões” e que viria a ser depois uma marca registrada do hip hop.

⁸ VIANA, Hermano. **O Mundo Funk Carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, 2a. edição. Apoiado em HAGER, Steven. *Hip Hop*. Nova York: St Martin’s Press, 1984; e TOOP, David. **The Rap Attack**. Boston: South End Press, 1984. Esta sua leitura parece bem fundamentada e melhor adequada às análises sobre a questão. Grifo Nosso.

⁹ Viana, Op. Cit. p. 21

brasileiras, como é o caso de Fortaleza, onde em 1984 havia diversos bailes funk e em São Paulo já surgem as primeiras gravações.

A peculiaridade de São Paulo está na existência de uma tradição ligada ao movimento negro, através dos Bailes Black, manifestação existente desde os anos setenta, sendo bastante popular e responsável pela criação de um espaço de lazer ligados ao universo negro.

No Ceará estas manifestações se dão através dos bailes itinerantes muito comuns nos anos oitenta, promovidas por equipes como a *Agito Jovem* como já demonstrei em outro trabalho.¹⁰ Em toda a cidade estes jovens se encontravam para dançar inicialmente e depois construir suas canções e movimentos.

Em ambas as manifestações (punk rock e hip hop) o que ocorre é uma identificação com a musicalidade, que acaba singularizando as próprias manifestações, matizando a ação dos jovens e criando as feições que serão próprias destes no Ceará.

Esta singularidade reside na atribuição de significados próprios às manifestações de acordo com as influências geradas pelas formações de cada grupo e também das particularidades das relações com seus contextos específicos. Mas fundamentalmente, eram construídos sentidos a partir das próprias experiências coletivas:

Era nos domingos, não! Nos sábados, aquele (Inter) enchia tanto do lado de fora quanto do lado de dentro, coisa de quem gostava de embalo mesmo.

O César era o dj do clube. O Inter era o clube onde rolava festivais de rock e sempre envolvia o Grilo prá gravar alguns punks e lá pelas tantas ele rolava.

Eu e o banca sempre ficava do lado de fora azarando o “sargento” que queria fazer a vida na mangueação.

A gente tinha como entrar era porque antigamente a gente era radical demais e não suportava a playboyzada.

Mais na hora do punk a gente entrava com um pouco da minha grana e da dele a gente juntava o resto da mangueação que a gente tinha feito dos playboys a gente ia lá prá Bezerra ranger.

¹⁰ DAMASCENO, Francisco José Gomes. **O Movimento Hip Hop Organizado do Ceará** / MH₂O-Ce (1990-1995). São Paulo, 1997. Dissertação (Mestrado em História Social)- Programa de Pós-Graduados em História Social. 1997. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

“Eu presto atenção no que eles dizem, mas eles não dizem nada”: juventude sob dois aspectos (o de sua constituição e de suas representações e o da sociedade pelos jornais)

Quando a gente entrava lá estava os meninos no “bolo”. Bolo é uma porrada de punk agitando um por cima dos outros. O som que sempre saía era: GRITO SUBURBANO, SUB, COMEÇO DO FIM DO MUNDO, RATOS, CÓLERA, OLHO SECO, SEX PISTOLS E RAMONES. (...)¹¹

As identidades e identificações eram múltiplas e constantes, e trazem no centro do processo a necessidade que origina cada uma das manifestações em seus locais iniciais:

...se você é pobre e mora num bairro pobre, se as letras que você escuta num rap, traz aquilo que você almeja, então você se identifica! Então o hip hop é tudo isso, ele, ele prá quem, pro pessoal da periferia é fácil você se identificar porque nas letras tá o dia-a-dia, tá tudo que acontece é polícia. É fome, é desemprego, é... é maconha, é cocaína, é tráfico de droga, tudo isso que a sociedade tenta botar debaixo do tapete, esconder... o rap põe prá fora e a pessoa escuta, e taí... todo dia, então os jovens se identificam porque é muito bom você poder falar duma coisa que tá lhe acontecendo e você pode butar numa letra e sair cantando prá todo mundo, e de forma que quem tá perto vai ter que ouvir, porque, porque, ou então vai ter que tapar os ouvidos das duas uma, então é isso, o hip hop motiva por isso, é uma forma que você tem de por prá fora isso, isso que você sente, que muita gente sente e não pode. Então além da alegria que tem da questão cultural que você, você dança, você pode crescer como artista, também tem esse lado.¹²

A alegria da festa, da composição, da expressão de suas idéias e desejos em forma de música e dança, dos seus movimentos, resulta do emprego de suas mais caras energias vitais e de seus usos tanto no campo da vida social, quanto principalmente de suas imaginações criativas, que envolvem tanto uma crítica as atuais estruturas sociais, como uma construção utópica de novas formas de sociabilidade.

Formados os grupos que com o tempo se tornam “movimentos”, esses jovens reinventaram a cidade, a vida urbana, sua própria arte, constituindo assim trajetórias de vida, que na coletividade fundamentavam, e, fundamentam, suas visões de mundo. Esse movimento duplamente intrincado, marcado por representações próprias e as que se formavam e formam, sobre eles, é o que se retratará a partir de agora.

¹¹ RUAS, Wilezado. **OS VELHOS TEMPOS**. pp. 1-3. Trata-se de um caderno de memórias, onde este membro do movimento punk assim o assina. Nele os principais acontecimentos do período em questão são retratados.

¹² Entrevista realizada com **Turbo-Free**, Fortaleza 27.02.1996.

2. JORNAIS E LETRAS DE RAP ¹³

Agora se tentará esboçar em linhas gerais, como são construídas representações sobre a juventude no meio social (em um de seus agentes e em uma única de suas características), sobretudo a partir de jornais; e, na mesma medida, de como segmentos pouco representados nos mesmos jornais, constroem representações sociais que são seu inverso oposto.

A tematização da juventude na mídia se dá de duas formas diferentes:

(...) No caso dos produtos diretamente dirigidos a esse público, os temas normalmente são cultura e comportamento: música, moda, estilo de vida e estilo de aparecimento, esporte, lazer. Quando os jovens são assunto dos cadernos destinados aos ‘adultos’, no noticiário, em matérias analíticas e editoriais, os temas mais comuns são aqueles relacionados aos ‘problemas sociais’, como violência, crime, exploração sexual, drogadição, ou as medidas para diminuir ou combater tais problemas. ¹⁴

No entanto, antes dos jornais atingirem esta forma atual de organizar um tipo de visão que tanto sofre influências das múltiplas leituras sociais, como ao mesmo tempo as influenciam, um longo processo foi percorrido desde o início dos anos 80.

Primeiro a apresentação de uma juventude de classe média – ou das elites – era constantemente apresentada como sendo “a juventude”, em suas viagens, em seus “looks”, em sua diversão, em seus “namoricos”, ou mesmo assumindo os compromissos familiares.

Segundo, se inicia uma sondagem um pouco mais direcionada feita por agências de publicidade, que orientariam uma ação mais efetiva dos próprios jornais em suas matérias, e de empresas e produtos nos seus interesses mercadológicos. São pelo menos quatro “pesquisas” feitas entre os de 84 e 94: McCann Erickson(84/91), Sadiva e Associados propagandas(1990) e MPM Lintas(1993). Esta é uma das ferramentas que ainda hoje é muito utilizada e se torna cada vez mais forte.

Terceiro, uma última característica destas construções é a recorrência à “fala de autoridade”, encontrada nos diversos ramos da ciência, feitas por profissionais que vão dar a explicação e as justificativas teóricas para

¹³ Texto produzido a partir de reflexões desenvolvidas na dissertação de mestrado, apresentada à PUC-SP.

¹⁴ ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In.: Juventude / Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5 /6. São Paulo: ANPED, 1997.

“Eu presto atenção no que eles dizem, mas eles não dizem nada”: juventude sob dois aspectos (o de sua constituição e de suas representações e o da sociedade pelos jornais)

comportamentos, desvios, inclinações, etc. Bem como orientar uma ação – e relações – mais adequadas com estes jovens.

Estas duas ferramentas juntas (pesquisas e fala científica) formam o mais importante arcabouço técnico para legitimação das falas construídas pela imprensa, já que se apoiam tanto em pesquisas com amostragens amplas, como em um campo de análise acadêmico.

Aqui explorar-se-á apenas um destes aspectos: a construção das falas de autoridade.

2.1. A LEITURA DOS JORNAIS

Nos jornais de Fortaleza, a utilização sistemática das falas de profissionais das diversas áreas, para conferir autoridade aos discursos dos jornais, se dá a partir do início dos anos 90.

Um importante artigo, que serve de base para tantos outros, que constitui parte integrante do banco de dados do jornal **O Povo** sobre este tema é: “Adolescência e contemporaneidade”¹⁵, do caderno Vida e Arte, que traz uma série de considerações sobre o entendimento contemporâneo da juventude como ator social. Ele coloca as dificuldades de recorte sobre a juventude, que deve ser entendido dentro das determinações econômicas e socioculturais.¹⁶ Esse artigo representa a um momento de conscientização dos jornais e de articulação e sistematização das falas de especialistas anteriormente colocadas.

Ele sintetiza a pesquisa realizada pela Professora Isolda Castelo Branco, junto aos jovens de Fortaleza, em sete escolas públicas da cidade, sobretudo de periferia. Neste artigo apresentam-se as principais conclusões a que chega a Professora em sua pesquisa e mostra-se uma articulação entre imprensa e academia, em bases analíticas mais aprofundadas do que as anteriormente colocadas.

Neste mesmo dia, no mesmo caderno, uma matéria fundamentada na pesquisa agora citada, faz críticas às pesquisas já realizadas por se restringirem ao eixo sul-sudeste e as camadas média e alta da população:

Pesquisas anteriores, acredita Isolda, como as realizadas pela McCann Erickson(84/91), Sadiva e Associados propagandas(1990) e MPM Lintas(1993), priorizaram nas entrevistas os representantes das classes média e alta do

¹⁵ Jornal **O Povo** de 15 de maio de 1994. Artigo assinado pela Professora Isolda Castelo Branco.

¹⁶ Esta avaliação parece estar ancorada nas concepções de uma sociologia já clássica sobre a temática: “*Todas as declarações referentes a juventude se não tiverem por base imenso material, só poderão fornecer um recorte epocal, cultural e social da juventude.*” (Flitner apud Damasceno, Op. Cit. p. 11) .

¹⁷ Matéria intitulada “Sondagem tenta traçar perfil”. **O Povo** de 15 de maio de 1994. As críticas tecidas são de certo bastante justas e ancoram-se dentro do contexto de uma crítica mais geral a utilização de técnicas de pesquisa e amostragem, sem rigor acadêmico e/ou sociológico. Apesar da pertinência da crítica, e da suposição das imensas diferenças entre as realidades de cidades como Fortaleza e São Paulo, ou Rio de Janeiro, não se percebem alterações nos jornais e nos usos das pesquisas neles.

¹⁸ No banco de dados do jornal encontra-se um texto da Professora intitulado “Quem são os adolescentes brasileiros na perspectiva das agências de publicidade”, que apresenta a pesquisa e seus resultados, fazendo uma breve avaliação destes; tendo servido de base para a matéria citada.

¹⁹ **Jornal O Povo** de 23 de julho de 1989.

²⁰ **Folha de São Paulo** de 17 de março de 1993.

²¹ “Engajamento de jovens também é questionado”, **Jornal O Povo** de 15 de agosto de 1993. Mais uma vez a noção de juventude como fase biológica da vida nos moldes da psicologia clássica sobre a temática.

²² **Diário do Nordeste** de 13 de outubro de 1994.

*Rio de Janeiro e São Paulo, ignorando sistematicamente os adolescentes saídos da periferia de uma cidade como Fortaleza.*¹⁷

Estariam lançadas as bases para a utilização destas em nível local, o que de fato aconteceu. Os trabalhos da Professora Isolda fazem parte do material do Banco de dados do jornal **O Povo**, sendo, portanto, de uso recorrente dos jornalistas para a elaboração de matérias e artigos para o próprio jornal e pesquisadores em geral.¹⁸

A característica desta apresentação e re-apresentação da juventude nos jornais é a recorrência às falas dos especialistas. Sua utilização pode ser percebida como uma fala de autoridade, que como consequência confere automaticamente a mesma autoridade ao discurso dos jornais tecidos em harmonia com estas. Não são poucos os casos deste tipo de recorrência, é por sinal uma das mais frequentes. Vejamos...

Na matéria intitulada “Em busca da própria identidade”¹⁹ um endocrinologista e um psicanalista, são convidados a orientar os pais e a sociedade em geral, de como perceber as mudanças pelas quais passam os jovens, e como as especialidades sugerem, o prisma é biológico e mental.

Em outra intitulada: “Vida cultural ajuda passagem na adolescência - psicanalista francês diz que interesse por atividades culturais contribui para vida adulta saudável”²⁰ o profissional coloca os benefícios das atividades culturais na realização dos jovens e de seu engajamento no social.

Uma outra também muito interessante, publicada um dia antes do dia internacional da juventude, questionava o engajamento dos jovens e arrematava colocando: “O psiquiatra Wandick Ponte, 82, diz que o jovem brasileiro é Peter Pan, no caso dos meninos, e Cinderela se são meninas. ‘São metade maduros, metade verdes’ - explica ponderando que a própria estrutura social contribui para isto.”²¹

Por fim, a matéria “Adolescentes sob pressão”²² traz uma alusão a criação de centros de atendimento intersetorial, ou multidisciplinar aos jovens, enfatizando sua importância. A proposta tem precedente segundo esta, no hospital das clínicas de São Paulo, e colocava-se como a mais recente novidade nesse Estado. Apesar de nada de específico sobre a juventude, reforça a tendência a recorrência a estes profissionais, responsáveis pelo engajamento dos jovens no social, de forma adequada e sem conflitos.

“Eu presto atenção no que eles dizem, mas eles não dizem nada”: juventude sob dois aspectos (o de sua constituição e de suas representações e o da sociedade pelos jornais)

Uma forma diferente de conferir autoridade é trazer para as matérias as falas dos próprios jovens. São muitas as que se colocam neste sentido. Uma característica importante é que estas são no geral “arrematadas” ou por profissionais - como acabei de colocar, ou pelos próprios jornais.

Assim o testemunho, as idéias, opiniões, posturas, crenças, etc. são sempre avaliadas, ou de forma muito sutil endossadas e/ou criticadas. Em outras palavras suas falas são utilizadas como ilustrações das idéias defendidas pelo jornal, especialistas, pesquisas e não entendidas como próprias.

A imagem do jovem se constrói tradicionalmente associada ao sexo, às drogas, e a uma rebeldia incontinente e tão característica, a ponto de ser entendida como sua mais autêntica manifestação.

Esta imagem não é recente e menos ainda surgida do nada, pode-se perceber sua contínua construção em jornais de circulação local e nacional, em entrevistas onde a abordagem é quase sempre a mesma, com perguntas sobre posturas sexuais, sobre o uso de drogas, preferências musicais, etc., sempre associadas às transformações de cada época, política, religião, como em muitas das matérias já utilizadas no sentido de demonstrar outras características.²³

2.2. AS LEITURAS DOS JOVENS

As leituras construídas pelos próprios jovens – agora articulados em torno de seus movimentos - guardam outras características. Vejamos especificamente e de forma rápida o caso de algumas noções dos jovens hip hoppers.²⁴ Em primeiro lugar como a sociedade que emerge de suas letras nos é re-apresentada, em seguida a noção que têm da mídia e de si próprios.

A sociedade que emerge das letras de rap é marcadamente repressora, desigual, exploradora, falsa, dividida e injusta. É entendida como a máxima manifestação organizacional humana, e, portanto, o que se representa é uma humanidade dividida e à beira de um tipo qualquer de colapso.

Dividida em classes, que se manifesta na concepção de pobres x ricos, os raps são construídos com a intenção de serem a fala das minorias sem voz, dos injustiçados, marginais, prostitutas, mendigos, meninos de rua, trabalhadores, mas principalmente das periferias²⁵: “(...)pois nós somos a voz da periferia / o grito do gueto / o argumento da pobreza / prá lutar-brigar(...)”²⁶

²³ Pode-se citar algumas matérias: “O Voto do novo cidadão brasileiro” In.: **O Povo** de 04 de março de 1988; “Por volta dos vinte” In.: **O Povo** de 28 de agosto de 1990; “Jovens ainda tomam precauções com o sexo” In.: **O Povo** de 03 de setembro de 1991; “É proibido dormir nos embalos da noite” In.: **O Povo** de 05 de julho de 1993; “Fé e desconfiança na democracia” In.: **Tribuna do Ceará** de 15 de julho de 1993; “Uma fita demo nas mãos e o mundo na cabeça” In.: **O Povo** de 19 de julho de 1993; “Onde se escondem os carapintadas?” In.: **O Povo** de 25 de outubro de 1993; entre muitos outros. Também interessante nessas matérias a associação da participação esperada da juventude nas preocupações do momento ou assuntos da moda.

²⁴ Apenas as construções dos jovens hip hoppers foram aqui trabalhadas por uma questão de atender as exigências de um texto breve para esta revista. No entanto, as letras dos punks apresentam muitas semelhanças a essas, devendo essa análise ser apresentada em outro momento, possivelmente dessa mesma publicação.

²⁵ Esta é uma pretensão assumida por eles próprios, colocada e recolocada constantemente. Sente-se isto nas entrevistas realizadas com eles no Ceará e

também é uma característica mais geral do rap. Mano Brown, líder dos Racionais MC's declarou ("A vez do Rap" In.: Revista Ilustrada da **Folha de São Paulo**, 07 de maio de 1994.): "Não sou porta-voz do movimento hip hop, mas da periferia talvez!" Cf. ainda as matérias "Tiroteio na Periferia" do Jornal **O Globo** do dia 30 de junho de 1994; "Rap é a língua oficial da periferia" In.: **Estado de São Paulo**, 27 de novembro de 1992 e ainda "Rap'eriferia" do cader-no Tribos - Jornal **O Povo** dia 15 de maio de 1994.

²⁶ **Mais do que nunca a Fortaleza é DEF** – do grupo Ataque Frontal, que era composto à época pelos rappers ZMC e Ligado. Ambos participavam do movimento, aproximadamente entre 1993 e 1998. ZMC era então um dos membros mais engajados com setores diversos das "esquerdas" como o Movimento Estudantil e Popular. Depois de trabalhar como lavador de carros à noite no estacionamento de casas noturnas da cidade, tem trabalhado como prestador de serviços na câmara de vereadores do município de Fortaleza; Ligado além de seu vizinho na "favela" da Quadra, no coração da Aldeota. Sem profissão definida, já trabalhou como vendedor de pequenas lojas de grifes locais, como servente de pedreiro, quando não faz pequenos biscates.

Uma voz que não se cala e persiste em repetir denúncias até que suas causas sejam eliminadas, ou seja, até que se extinga a sociedade classista:

*Não somos a parte do povo que cala / somos a fala da parte calada do povo, que fala a verdade se liga na luta / luta de classe se liga na vida(...) fazem de tudo prá poder manter / a segunda classe marionetizada [sic], confusa, calada, sofrendo e morrendo, fodida [sic] do jeito que está / pode acreditar / não dá prá aguentar e nem prá tolerar (...)*²⁷

*(...) Território Banto não se cala, / que valha a lei, quem procura acha, / ei pode vir que tem(...)*²⁸

Neste processo, é identificado de forma constante e difusa em nome de quem se fala, ou em última instância quem fala - já que se irmanam com esses sujeitos e sua situação e muitas vezes a vivenciaram de fato.

*(...) o terrível duelo, os culpados da chacina informal / mas não me levem a mal mata todos nós pobres isso é normal ? / nós ficamos calados de cabeça baixa / de baixo da ponte vendo toda essa desgraça / negros, brancos, mestiços, muitos pobres e todos compartilham a dor / a miséria e a fome(...)*²⁹

Revela-se assim, também como o fruto de um processo de injustiças, que deve ser combatido. O "duelo" terrível entre pobres e ricos, por intermédio de seus diversos agentes se consubstancia e todos - entre os pobres - compartilham a mesma dor, a miséria e a fome, o que os faz iguais entre si.

A sociedade para eles é a "encarnação" destas diferenças, e, portanto, a manutenção delas é necessária para quem dela se beneficia, mais uma vez lhes vitimando:

*(...) a sociedade fecha as portas na cara de quem nada tem / pois as portas são fechadas / grades seladas / pois é isso que convém antes de você / cometer o delito / delito ou ato de sobreviver (...)*³⁰

Em outro rap se mostra concretamente como esta sociedade de ricos se fecha:

“Eu presto atenção no que eles dizem, mas eles não dizem nada”: juventude sob dois aspectos (o de sua constituição e de suas representações e o da sociedade pelos jornais)

De que vale o Beach Park se eu não posso entrar? / de que me serve o Iguatemi se eu não tenho “grana” prá gastar? / carro importado prá quê se eu não posso comprar?(...) ³¹

No processo de identificação dos responsáveis, um dos pilares desta ordem por eles caracterizada e criticada, apresenta-se de forma inequívoca - os meios de comunicação:

(...)e é por isso que elas crescem / sentadas prosseguem à frente da televisão / e o herói de mentira da tela é sua adoração / conformadas estão de estarem quietas(...) ³²

(...)essa falsa liberdade que sobe o morro / e desce a praça em discursos que iludem nosso povo / gritadas pelos telejornais / gritadas pelos telejornais / nos quatro cantos da cidade / transforma a grande mentira em verdade / verdade essa que não corresponde a verdade(...) ³³

(...)temos rádio e TV / revista e jornal / essa merda que ilude e nos fazem passar mal / (...) as notícias eles fazem muito bem / transformando em marginais muitas pessoas de bem (...) ³⁴

(...)Bandeirantes, Manchete, SBT, Rede Globo / na tela surge a novela / brigando por audiência / nos bastidores a elite / manipulando a imprensa / “plantando meias verdades” / contando muitas mentiras e a “plebe” sempre tranquila / meio que anestesiada / morre / mas cuida da vida / e sem ligar prá nada.(...) ³⁵

(...) Televisão alienando com requinte a consciência do irmão(...) ³⁶

(...)não quero nem saber se eles vão me censurar / meu rap não vai rolar em emissora de Fm, Rádio Jangadeiro, Verdes Mares e Cidade / te entopem de bobagens, bloqueiam teu raciocínio / pois te querem bem quietinho / não te deixam reclamar(...) ³⁷

As representações da imprensa e dos meios de comunicação de massa de um modo mais geral, delineiam seu papel de dominação de classe. Nas mãos de uma elite e a serviço de seus interesses, em nenhum momento se sente

²⁷ **Ragga** - Ideologia do Gueto. Cf. Jornal **O Povo**/ Vida e Arte, dia 31.01.1997. Moésio é hoje o principal representante dos setores do MH₂O ligados às esquerdas. Membro da coordenação do movimento, teve durante algum tempo uma pequena serigrafia, na qual trabalhava de forma incipiente. Mora no bairro do São Francisco - extremo oeste da cidade; vizinho de seu parceiro DEF José, que mora no bairro de Quintino Cunha, que já trabalhou com o próprio pai em biscates de servente de pedreiro.

²⁸ **Sem Título** - Território Banto grupo à época formado por B.Flash, Ice Power e Carioca, anteriormente se chamava de Dura Realidade. Todos moram na “favela” chamada de Moura Brasil entre o centro e o litoral norte da cidade, uma das mais centrais de Fortaleza. Os dois primeiros também fizeram pequenos biscates. Trabalharam ainda como seguranças na “noite” da cidade. No mês de abril de 1996 enquanto o grupo Conexão Racial se apresentava no bar Padang Padang na Praia de Iracema, estes dois trabalhavam na segurança deste. Carioca esteve desempregado, trabalhou como prestador de serviços no Instituto Presídio Paulo Serasate. Mais recentemente, lançou seu CD, conhecido como “Costa a Costa”.

²⁹ **Oração ao Movimento** - Realidade em Cadeia grupo à época formado por W Man, Turbo Free - Rappers e Titio - Dj. Anteriormente se chamava de Rap Força. Foi durante certo período, seguramente o grupo formado pelos membros mais antigos do movimento, os “dinossauros” como eram chamados. Todos moravam no bairro do Conjunto Ceará. Turbo é oriundo das gangues de dançarinos de Break - a Striking. W é letrista e vocal. Sua casa era uma espécie de “QG” do movimento, onde frequentemente se encontravam todos. Turbo trabalhava à época em uma loja de auto-peças. W esteve desempregado e mais recentemente exerceu atividade de grafitagem em uma loja de grife jovem da cidade. Já Titio trabalhou na Editora Globo; fez bailes para equipes de som e programas de rádio.

³⁰ **Sem Título** - Realidade em Cadeia. A pergunta insistentemente repetida neste rap é “Quem são os mandantes, quem são?” e “Olhe prá cima e veja então, quem é que mata sem arma na mão / me diga agora aonde devo ir? Me diga agora mano? Me diga agora !! (...)”

³¹ **Mais do que nunca a Fortaleza é DEF** - Ataque Frontal (ZMC e Ligado)

³² **Oração ao Movimento** - Realidade em Cadeia

qualquer tipo de elogio, ou não se atribui nenhum aspecto positivo a eles. Sua representação é cética e pessimista.

Manter dominados quietos e sem reclamar, iludir, alienar, bloquear os pensamentos, incutir valores - “burgueses”, racistas, etc. - eis o papel destes, segundo o que consensualmente pode-se perceber. O grande medo das elites - ainda segundo estas letras - é a ação consciente e transformadora. Justamente esta vem sendo o principal objetivo desses rappers com suas canções.

A noção de que estes serviços são concessões feitas pelo estado – e, portanto, pelos políticos que o administram - e que estão nas mãos de grandes impérios empresariais, parece ser suficiente para caracterizar o quanto estes dois níveis se articulam no sentido de manutenção do que aí está.

O termo vago “eles”, “sociedade”, ou “inimigo”, frequente nas canções vai aos poucos sendo substituído pelos agentes da ação de dominar. O sentido de classes se reforça a cada letra e revela o processo de dominação em suas artimanhas, as longas letras que antes pareciam vagas começam a desenhar as faces dos sujeitos desta história, ao mesmo tempo que ilumina suas ações.

Da mesma forma eles se apresentam aos poucos, ora em indícios sutis do lugar social de suas falas, ora em mostras diretas de suas posições. Observemos o que coloca um dos primeiros raps do movimento a fazer sucesso, em toda a cidade, o **Rap da Dora** da dupla Titio e Cachorrão:

Todos nós agora vamos conhecer / a Dora é uma garota que nasceu para sofrer / ela sai todas manhãs para trabalhar / não sabendo se o chefão vai dar dinheiro pra almoçar / mas o chefão já disse se o trabalho acumular / a coitada da Dora outro emprego vai arrumar / ela fazia de tudo para se virar / passava fome até pro chefe não reclamar / Dora não é dessas que sai com o chefão pra subir na vida ou aumentar sua posição / a Dora trabalha pra continuar a viver / mas o salário que ela ganha não dá nem para comer / o desemprego é péssimo e a fome é pior / a Dora só quer uma vida bem melhor / e esta vida da Dora é muito cruel / e a sorte para ela é sempre infiel / trabalha trabalhadora / trabalha, trabalha já / trabalha trabalhadora / trabalha pra nada ganhar / é ela mora lá numa favela / num bequinho escuro de uma rua não muito bela / quando chega em casa mais um aborrecimento / tem

“Eu presto atenção no que eles dizem, mas eles não dizem nada”: juventude sob dois aspectos (o de sua constituição e de suas representações e o da sociedade pelos jornais)

conta na porta que já acabou o vencimento / a Dora é uma garota de muito talento / aguentar todo dia tanto sofrimento / oh, coitadinha desta Dora / nunca vi assim gente tão sofredora / trabalha trabalhadora / trabalha, trabalha já / trabalha trabalhadora / trabalha pra nada ganhar / a diversão também ela quer praticar / pois quem não se diverte não consegue se alegrar / quando chega o sábado e o domingo / boto a mão na cabeça é tão bom como eu me sinto / pois nesses dias não tem que trabalhar fico em casa a se ajeitar / pois nesses dias quer também se divertir / saindo para os bailes e o rap curtir / ela se alegrava para não chorar / porque olhava para a vida e dizia ‘assim não dá’ / ela rezava pro seu deus lhe ajudar / mas pelo que ela está notando nada vai adiantar ouvindo esse rap ela se alegrou / juntando-se a nós ela também rapiou / mas é um rap sério que veio pra criticar / o chefe da Dora que só pensa em explorar / mas é um rap agitado e de muita animação / quem fala pra vocês é o Titio e o Cachorrão / trabalha trabalhadora / trabalha, trabalha já / trabalha trabalhadora / trabalha pra nada ganhar / é o Titio e o Cachorrão / cantando rap a maior sensação (repete muitas vezes) / trabalha trabalhadora / trabalha, trabalha já / trabalha trabalhadora / trabalha pra nada ganhar / é o Titio e o Cachorrão / cantando rap a maior sensação.

Trata-se aqui da construção de uma referência, desta vez positiva, ao contrário do que se fez na apresentação de outro tipo social - o vagabundo - para reforçar e/ou afastar algumas características desejadas. A Dora pode ser entendida como a pessoa comum, como a maioria das pessoas, ou se preferirmos, cada um deles. É como se sentem, é o que se acham ser.

Integrada ao mundo do trabalho ela é a encarnação das faces desfiguradas pelo sistema. O seu mundo parece estar circunscrito pelo outro até aqui representado pelos raps. Ela é aquela a quem o sistema não conseguiu vencer, arrastando para a vida do crime, para a marginalidade, apesar de todos os contratemplos, que a induzem neste sentido.

Trabalhadora, íntegra - ela não se utiliza de meios escusos para se estabelecer -, honesta e esforçada - ela até passa fome para que o chefe não reclame, não deixa acumular trabalho -, é como se apresenta a Dora (e os autores).

³³ **Sem Título** - Território Banto

³⁴ **Ceará apesar dos problemas** - Conscientes do Sistema. Grupo à época ligado ao MH₂O.

³⁵ **Mais do que nunca a Fortaleza é DEF** - Conexão Racial

³⁶ **Sangue Negro** - Conexão Racial

³⁷ **Cem Quilos de Peso** - CN 3 e Poeta Urbano. Este último continua no movimento. Teve marcante atuação, sobretudo no Movimento Estudantil e popular. Foi um dos principais articuladores da Juventude Vermelha. Exerce uma influência muito forte na definição das linhas de atuação do MH₂O. Pode ser considerado um militante profissional, sendo seu principal coordenador.

A tensão estabelecida por um trabalho exaustivo, pela falta de recompensa, pela instabilidade de a qualquer momento poder perder o emprego, pela incerteza de obter ou não o dinheiro - inclusive para se alimentar -, faz dela uma “sofredora”. O trabalho é identificado ao sofrimento - leia-se o trabalho que não recompensa - criando a necessidade de espaços onde o sofrimento deve ser substituído pela alegria e pela vida.

Expressa de forma ambígua a Dora: *“boto a mão na cabeça é tão bom como me sinto / pois nesses dias não tem que trabalhar fico em casa a se ajeitar / pois nesses dias quer também se divertir(...)”* - observe-se que o sujeito “eu” elíptico e depois indefinido pelo uso da partícula “se”, provocam uma automática identificação/confusão autores/Dora - como se por sua boca eles falassem, mostrando como se sentem estes jovens que imersos no mundo do trabalho, na tensão nele estabelecida, encontram nos bailes, nos momentos de diversão e lazer uma das poucas alegrias que têm.

Eis que se revelam suas faces: jovens trabalhadores da cidade. Pequenos operários, desempregados, mão-de-obra pouco qualificada, barata, que na cidade através de sua arte se produz enquanto grupo e aponta os sérios problemas que os cercam e demandam solução imediata.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma primeira, e talvez a maior, característica nos discursos de jornais sobre a juventude é o grau de generalização que estes apresentam. A juventude, por eles caracterizada, pode ser qualquer uma, não importando de que segmento social, de que localidade, tendência, ou posicionamento político.

Todos os recortes possíveis são apresentados de forma igualmente genérica, sob o rótulo de “juventude”, neste sentido não são muitos os esclarecimentos dados, interessa apenas caracterizar o que se diz como típico do comportamento juvenil. Muitos casos apresentados têm uma função meramente decorativa. Cabem aí, portanto, os mais variados assuntos possíveis.

Já nos discursos tecidos pelos jovens, as características são bem outras.

Paralelamente a esse discurso genérico e mercadológico, algumas matérias, nos próprios jornais, já mostravam uma tendência forte, que principalmente nos anos 90 seria explorada, a dos movimentos culturais da juventude como o novo canal de participação, de manifestação política de suas aspirações, descontentamentos, etc.

“Eu presto atenção no que eles dizem, mas eles não dizem nada”: juventude sob dois aspectos (o de sua constituição e de suas representações e o da sociedade pelos jornais)

Mesmo com os fortes indícios desta nova forma de manifestação da socialidade e do poder de crítica e proposição social, estabelecidos por alguns grupos como Punks e Hip Hoppers, os jornais pouco lhes deram atenção, já que não se tratava de manifestação de participação prevista, controlada e/ou ainda dentro dos padrões políticos esperados.

Esta tendência, mais uma vez, foi explorada de forma associada aos interesses de mercado, o que revela que as relações possíveis com a indústria cultural, são ambíguas, complexas e de difícil delimitação. Ainda assim a resistência e a construção de formas sempre renovadas e inusitadas de se relacionar e resignificar as relações estabelecidas, mostram que este capítulo da história destes movimentos está constantemente sendo re-escrito.

As críticas que estes grupos tecem dentro do tecido social - a partir de uma linguagem própria e de posturas e práticas contraculturais, agressivas muitas vezes ; são encaradas de forma preconceituosa, geralmente associadas a marginalidade, violência e transgressão social. Sendo assim, os espaços a eles reservados na mídia, nos jornais mais especificamente, quando ocorre, é sempre reduzido e estereotipado.

As sutilezas dos meios de comunicação de massa no sentido de esvaziar seus conteúdos é percebido por eles, no que tratam diferentemente de outras gerações de jovens e de outros segmentos sociais, de manter uma certa distância crítica com relação a estes órgãos, como, aliás, nos revelaram vários outros entrevistados, como Punks, Fanzineiros, Metaleiros e os próprios Hip Hoppers.

Os Hip Hoppers (bem como os Punks) são um caso típico de uma juventude de periferia, que se trata de “não ver”, de ignorar consciente ou inconscientemente e que irrompe das periferias colocando abaixo estes estereótipos, com a construção de seus próprios espaços de participação social, que lhes alça do anonimato e do esquecimento, para a cidadania, para a própria mídia e agora também para historiografia e consequentemente para a história...

ABSTRACT: The present work places the appearance of movements as Punk and Hip Hop, in the city of Fortaleza while creation of a space of social and political performance, on the part of excluded sections of the population and it registers your *weltanschauung*, your analyses of the city and of the world that surrounds them, revealing your interventions in the social. Your letters are placed in counterpoint the presentation done in a deformed youth's media, without face, it subjects to the market needs or to you interest other.

Key words: Youth; Fortaleza; History; Movement Punk; Movement Hip Hop; City; Representations.